

---

**A  
CABANA  
DO  
PAI,  
TOMÁS**

---

---

**OU  
A VIDA ENTRE  
OS  
HUMILDES**

---

---

CARAMBAIA

**HARRIET  
BEECHER STOWE**

TRADUÇÃO: BRUNO GAMBAROTTO  
ORGANIZAÇÃO E POSFÁCIO: DANILO JOSÉ ZIONI FERRETTI

---

# SUMÁRIO

	Prefácio da autora	11
1	No qual o leitor é apresentado a um homem muito humano	15
2	A mãe	28
3	O marido e o pai	32
4	Uma noite na cabana do pai Tomás	40
5	Que mostra os sentimentos da mercadoria humana em face da troca de donos	55
6	Descoberta	67
7	A luta da mãe	79
8	A fuga de Eliza	97
9	No qual se revela que um senador é um homem, nada mais	118
10	A mercadoria é levada	139
11	Quando o estado de ânimo da mercadoria se torna impróprio	153
12	Um incidente do comércio legal	170
13	A colônia quacre	192
14	Evangeline	205
15	Sobre o novo senhor de Tomás e outros assuntos	218
16	A senhora de Tomás e suas opiniões	239
17	Razões do homem livre	264

- 18 Experiências e opiniões da srta. Ophelia 286  
19 Continuação das experiências e opiniões da srta. Ophelia 307  
20 Topsy 333  
21 Kentucky 352  
22 “Seca-se a erva, e cai a flor” 358  
23 Henrique 369  
24 Presságios 379  
25 A pequena evangelista 388  
26 Morte 394  
27 “Este é o último dia na terra” 411  
28 Reencontro 422  
29 Os desamparados 441  
30 O depósito de escravos 451  
31 A travessia 464  
32 Lugares tenebrosos 473  
33 Cassy 484  
34 A história da quadrarã 494  
35 Os amuletos 508  
36 Emmeline e Cassy 516  
37 Liberdade 525  
38 A vitória 535  
39 O estratagema 548  
40 O mártir 561  
41 O jovem senhor 570  
42 Uma autêntica história de assombração 579  
43 Desfecho 589  
44 O libertador 600  
45 Considerações finais 605

#### APÊNDICES

Posfácio 621

Fortuna crítica 631

Nota sobre a tradução 693



## PREFÁCIO DA AUTORA

Esta história, como o título indica, põe em cena uma raça até hoje ignorada pelos círculos sociais mais polidos e refinados, raça exótica, cujos ancestrais, nascidos sob o sol do trópico, trouxeram consigo e perpetuaram em seus descendentes um caráter tão fundamentalmente diverso do anglo-saxão duro e dominante que durante tantos anos deste recebeu tão somente incompreensão e desprezo.

Outros e melhores dias, porém, raiam no céu; as influências da literatura, da poesia e da arte em nossos tempos entram mais e mais em uníssono com o grande acorde supremo da cristandade: “paz na terra entre os homens de boa vontade”.

O poeta, o pintor e o artista hoje buscam embelezar as condições comuns e mais gentis da vida humana e, sob o encantamento da ficção, sopram uma influência humanizadora e pacificadora, favorável ao desenvolvimento dos grandes princípios da fraternidade cristã.

A mão da benevolência estende-se por toda parte, vasculhando maus-tratos, corrigindo injustiças, aliviando aflições e pondo ao alcance do conhecimento e da misericórdia do mundo os que vivem sujeitos à servidão, os oprimidos e os esquecidos.

Nesse movimento geral, a África infeliz enfim é lembrada. África que deu início à raça da civilização e do progresso humano na nebulosa e cinzenta aurora dos tempos primevos, mas que, há

séculos, jaz subjugada, sangrando aos pés da humanidade civilizada e cristã, implorando em vão por compaixão.

No entanto o coração da raça dominante, sua dura senhora, finalmente começou a compadecer-se; e tem-se visto que é mais nobre para as nações proteger os fracos do que oprimi-los. Louvado seja o Senhor: o mundo por fim superou o tráfico de escravos!

O objetivo destes quadros é despertar compaixão e bons sentimentos pela raça africana, tal como esta existe entre nós; mostrar as injustiças e padecimentos que vivem sob um sistema tão fundamentalmente cruel e injusto que acaba por frustrar e destruir os bons efeitos de tudo quanto tentem fazer por ela seus melhores amigos.

Desse modo, a autora pode sinceramente repudiar quaisquer animosidades aos indivíduos que, muitas vezes sem nenhuma culpa, estão envolvidos nas provações e nos constrangimentos causados pelas relações legais da escravidão.

A experiência mostra a ela que alguns dos mais nobres corações e mentes estão assim envolvidos; e ninguém sabe melhor do que tais pessoas que o que se pode reunir dos males da escravidão em cenas como a desta obra não é metade do que se pode contar de um todo inenarrável.

Nos estados do Norte, estes retratos podem, talvez, ser considerados caricaturais; nos estados do Sul, existem testemunhas que atestam sua realidade. Até que ponto a autora tem conhecimento pessoal da veracidade de incidentes como os aqui relatados é algo que surgirá a seu tempo.

É um conforto esperar, como ocorre de tempos em tempos em relação a muitas das injustiças e dores do mundo, que estas sejam superadas para que um tempo surja no qual quadros similares a esses tenham unicamente valor de memória daquilo que há muito deixou de existir.

Quando uma comunidade esclarecida e cristã tiver, na costa da África, leis, língua e literatura próprias, derivada de nossa

vida pública, que as cenas do cativeiro sejam para ela como a lembrança do Egito para os hebreus: motivo de agradecimento Àquele que a libertou!

Pois, enquanto os políticos debatem, e os homens são lançados de um lado a outro ao sabor das marés conflituosas do interesse e da paixão, a grande causa da liberdade humana restará nas mãos daqu'Ele sobre o qual se disse:

Ele não faltará, nem será quebrantado,  
até que ponha na terra a justiça,  
porque Ele livrará ao necessitado quando clamar,  
assim como ao aflito e ao que não conhece ajuda.  
Ele libertará suas almas do engano e da violência,  
e precioso será o seu sangue aos olhos d'Ele.<sup>1</sup>

1. Citações de Isaías 42:4 e Salmos 72:12 e 14. [Notas desta edição, exceto indicação contrária.]

# I NO QUAL O LEITOR É APRESENTADO A UM HOMEM MUITO HUMANO

Numa fria tarde de fevereiro, dois cavalheiros estavam sentados a sós, servidos de vinho, em uma sala de jantar provida de bela mobília, na cidade de P., no Kentucky. A criadagem não se fazia presente, e os cavalheiros, com as cadeiras muito próximas, pareciam dedicar-se a um acalorado debate.

Apenas por questão de conveniência dissemos “dois *cavalheiros*”. Um deles, todavia, quando à luz de minucioso exame, não parecia, estritamente falando, se incluir nessa categoria. Tratava-se de homem parrudo, de traços grosseiros e ordinários e portador da pretensiosa insolência do tipo baixo que busca abrir à força os caminhos da ascensão social. Vestia-se com espalhafato, ostentando extravagante colete multicolorido e, no pescoço, um lenço azul, pintado de amarelo vivo e arrumado em nó aparatoso – conjunto, num todo, bastante condizente com seus ares. As mãos, grandes e grosseiras, estavam cobertas de anéis, e seu relógio portava pesada corrente de ouro, munida de infinitos sinetes de considerável tamanho e variedade de cores, que, no calor da conversa, sacudia e retinia com óbvia satisfação. Seu linguajar relaxado propunha desbragado desafio à gramática de Murray<sup>2</sup> e, de quando em quando, tomava a liberdade

2. Gramática do americano Lindley Murray (1745–1826), de 1795.

de proferir um sem-número de expressões profanas, que nem mesmo o desejo de darmos vivos contornos à narrativa nos impele a transcrever.

Seu interlocutor, o sr. Shelby, tinha aparência de cavalheiro; e a ordem da casa, bem como o ar geral de zelo e asseio, sugeria boa, quiçá afluente, posição. Como se disse, ambos se ocupavam de acalorado debate.

– Para mim, o caso se resolve assim – disse o sr. Shelby.

– Não posso fazer negócio desse jeito... não mesmo, sr. Shelby – retorquiu o outro, erguendo a taça de vinho entre o olho e a luz.

– Ora, Haley, o fato é que Tomás é um sujeito de qualidades incomuns; não tenho dúvida de que vale tal quantia em qualquer parte. É capaz, honesto, prestimoso; administra minha fazenda inteira como um relógio.

– O senhor quer dizer honesto *como um preto* – completou Haley, servindo-se de um copo de *brandy*.

– Não; quero dizer que Tomás é um sujeito realmente bom, ponderado, sensível e fiel. Aderiu à religião há quatro anos, num culto campal; e creio que ele de fato *aderiu*. Confio-lhe, desde então, tudo que tenho – dinheiro, casa, cavalos – e permito que viaje pela região. E ele sempre se mostrou leal e correto em tudo.

– Tem gente que não acredita que existe preto devoto, Shelby – disse Haley, erguendo com tranquilidade a mão – mas *eu*, sim. No último lote que levei pra New Orleans, não faz muito tempo, tive comigo um sujeito... olha, a criatura rezava feito um pastor, parecia que ‘tava no púlpito; tinha bons modos e era tranquilo. Também me rendeu um bom dinheiro, porque comprei barato de um homem que não podia mais ficar com ele e precisava vender; fiz 600 dólares nele. Pois é: religião em preto, quando não tem enganção, eu acho um negócio valioso.

– Bom, o Tomás tem religião de verdade, se é o que sugeres – retrucou o outro. – No último outono permiti que fosse a Cincinnati sem acompanhante e fizesse negócios em meu lugar. Trouxe 500

dólares consigo. “Tomás”, eu disse, “confio em ti, pois julgo que és cristão... sei que não me enganarás”. Claro que ele voltou – eu tinha certeza de que o faria. Dizem por aí que uns velhacos lhe perguntaram: “Tomás, por que não foges para o Canadá?”. “Ah, meu senhor confia em mim, não posso” – foi o que me contaram. Confesso que dói desfazer-me de Tomás. Preciso que aceites que ele cubra tudo o que devo. Tu assim o farias, Haley, caso tivesses alguma consciência.

– Bom, tenho o mesmo tanto de consciência de qualquer homem neste negócio... aquele mínimo, sabe, pra poder jurar por ela, por assim dizer – disse o mercador de escravos em tom de brincadeira –, e por isso nunca deixo de fazer o possível pra agradar os amigos; mas, sabe, este ano ‘tá um pouquinho difícil... um pouquinho difícil.

O mercador suspirou, contemplativo, e serviu-se de um pouco mais de *brandy*.

– Pois bem, Haley, qual é tua proposta? – disse o sr. Shelby depois de breve e incômodo silêncio.

– Pois o senhor não tem um molequinho, uma menininha, pra ir de quebra com o Tomás?

– Hum! Nenhum de que possa me desfazer. Digo-o com franqueza: não fosse tamanha necessidade, jamais o venderia. Não me agrada abrir mão de quem me serve.

Foi então que a porta se abriu e entrou na sala um menininho mulato de 4 ou 5 anos de idade. Havia em seu semblante qualquer coisa de absolutamente bela e encantadora. Os cabelos negros, delicados como fios de seda, emolduravam com cachos reluzentes o rosto redondo em que se viam duas covinhas, enquanto os olhos amendoados, repletos de fogo e doçura, se insinuavam por entre cílios compridos e bastos e, curiosos, miravam o aposento. Uma túnica alegre, de tecido xadrez escarlate e amarelo, costurada com esmero e vestida com justeza, acentuava-lhe a rica e negra beleza. Não lhe faltavam ares de cômica



confiança, que, misturada a alguma timidez, demonstrava que fora acostumado aos mimos e às atenções de seu senhor.

– Olá, Jim Crow<sup>3</sup>! – disse o sr. Shelby, assoviando e lançando-lhe um punhado de passas. – Pega, agora!

Sob a risada de seu amo, a criança precipitou-se, com toda a pouca força que tinha, na direção da prenda.

– Vem cá, Jim Crow – disse ele. A criança aproximou-se, e o senhor passou-lhe a mão pelos cachinhos e apertou-lhe o queixo.

– Agora, Jim, mostra ao cavalheiro como sabes cantar e dançar.

O menino pôs-se a cantar, com voz bela e clara, uma daquelas canções grotescas e incultas, canções comuns entre os negros, acompanhando o canto com muitos movimentos divertidos das mãos, dos pés e do corpo inteiro, sempre no perfeito compasso da música.

– Bravo! – exclamou Haley, atirando-lhe um quarto de laranja.

– Agora, Jim, imita o passo do velho tio Cudjoe, quando está sofrendo de reumatismo – pediu-lhe o amo.

Num piscar de olhos, os membros flexíveis da criança assumiram contornos deformados e retorcidos, enquanto, com as costas arqueadas e a bengala do senhor, coxeava pela sala, franzindo o rosto infantil em afetada dor e cuspidando de um lado para o outro como se imitasse um velho.

Os cavalheiros riram estrepitosamente.

– Agora, Jim – prosseguiu o senhor –, mostra como o velho Robbins, o presbítero, conduz a salmodia.

O menino esticou formidavelmente o rostinho rechonchudo e, com voz nasalada, pôs-se a entoar um salmo com imperturbável gravidade.

– Hurrah! Bravo! Que molecote! – disse Haley. – É uma figurinha, sem dúvida. A gente faz assim – disse ele, dando subitamente um tapa no ombro do sr. Shelby –, ajunte a figurinha, e eu fecho o negócio. Assim fica mais justo, não?

3. Jim Crow era uma forma pejorativa de dirigir-se aos negros.

Nesse instante, a porta abriu-se devagar, e uma moça mulata, com seus 25 anos, entrou na sala.

Não foi preciso mais do que uma mirada da criança em sua direção para identificá-la como sua mãe. Eram os mesmos olhos vivos e amendoados, os mesmos cílios longos, as mesmas ondulações dos sedosos cabelos negros. O jambo da pele permitia que se lhe visse o rubor da face, mais intenso quando notou sobre si o olhar fito do estranho em ousada e indiscreta admiração. Seu vestido tinha corte bem ajustado e favorecia-lhe o belo molde das formas; as mãos de delicado desenho, bem como os pés e tornozelos bem-feitos, eram quesitos de aparência que não escapavam aos olhos ligeiros do mercador, acostumados a avaliar, de um só relance, as qualidades de uma boa mercadoria feminina.

– Sim, Eliza? – perguntou o senhor, enquanto ela parava e, hesitante, olhava para ele.

– Eu estava procurando o Harry, com licença, senhor – e o menino correu em sua direção, mostrando-lhe os mimos, recolhidos nas fraldas da túnica.

– Pois então leva-o – disse o sr. Shelby.

E ela deixou rapidamente a sala, levando a criança nos braços.

– Por Júpiter! – disse o mercador de escravos, voltando-se para ele admirado. – Que mercadoria! O senhor podia fazer fortuna em cima dessa menina em Orleans. Já vi nessa minha vida pagarem mais de mil por meninas que não chegam nem aos pés dela.

– Não quero fazer fortuna com ela – retorquiu, seco, o sr. Shelby; e, como se procurasse mudar o rumo da conversa, abriu uma nova garrafa e perguntou ao traficante sua opinião sobre o vinho.

– Excelente, senhor, de primeira linha! – exclamou o mercador, que, virando-se em seguida e dando uma palmada com intimidade no ombro de Shelby, acrescentou:

– Vamos lá, como negociamos a menina? Quanto devo dar? Quanto quer?

– Sr. Haley, ela não está à venda – disse Shelby. – Minha mulher não vai se desfazer dela ainda que lhe ofereçam seu peso em ouro.

– Ora, ora, as mulheres sempre dizem esse tipo de coisa porque não têm ideia de cálculo. Sou da opinião de que é só mostrar pra elas a quantidade de relógios, plumas e quinquilharias que o preço de alguém em ouro pode comprar, e tudo muda de figura.

– Digo-te, Haley, que não se deve tocar no assunto; quando digo não, é não – disse Shelby com decisão.

– Pois bem, então me deixe levar o menino – pediu o traficante.

– O senhor vai concordar que minha oferta por ele é boa.

– Mas posso saber por que tanto queres a criança? – perguntou Shelby.

– Ora, tenho um amigo que está entrando nesse negócio e quer comprar meninos bonitos pra educar e vender. Mercadoria totalmente refinada, que se destina a serviço de casa de gente muito rica, que pode pagar por ela. A casa dessa gente fica mais distinta com um molequinho bonito assim pra abrir a porta, servir à mesa e cuidar de tudo. Dá pra fazer um bom dinheiro com eles; e esse diabinho, com tanto talento pra música e pra comédia, é a mercadoria que ele quer!

– Mas não quero vendê-lo – disse o sr. Shelby ponderadamente.

– O fato, senhor, é que sou um homem muito humano e detesto a ideia de tirar o menino da mãe.

– Oh, detesta? Lógico, é uma coisa natural. Entendo, claro. É muito desagradável lidar com mulher, às vezes. Sempre detesto essa coisa de gritar e gemer. É muito, muito desagradável; mas, como eu cuido de negócios, geralmente evito esse tipo de coisa. Agora, e se o senhor dispensasse a moça por um dia, uma semana, ou coisa do gênero? Assim se fazia tudo na surdina, antes que ela voltasse pra casa. Sua mulher podia comprar pra ela um vestido novo, um par de brincos, alguma bobagenzinha do tipo, pra compensar.

– Creio que não.

– Ora, senhor, pelo amor de Deus! Essas criaturas não são feito gente branca; eles esquecem tudo, é só fazer direitinho.

Ora, tem quem diz – ponderou Haley, assumindo um ar franco e confiante – que esse negócio embrutece os sentimentos da gente, mas eu mesmo não acho. Tanto que eu nunca fui capaz de fazer as coisas do jeito que vejo uns aí fazerem. Já vi conhecido meu arrancar criança do braço da mãe e botar a criança à venda, enquanto a mãe gritava feito louca o tempo inteiro. Não é bom fazer assim – estraga a mercadoria, e às vezes estraga a mulher pro serviço. Conheci uma moça muito boa, de verdade, uma vez lá em Orleans, que se acabou completamente por causa desse tipo de manejo. O sujeito que ‘tava comprando ela não queria a criança; e ela era do tipo que ficava muito agitada quando o sangue fervia. Vou dizer uma coisa: ela apertou aquela criança nos braços, e falou, falou, e a coisa ficou feia. Fico até arrepiado quando penso naquilo; e quando eles levaram a criança embora, e trancaram a mãe, ela enlouqueceu e morreu numa semana. Prejuízo de mil dólares, só por não saber administrar; essa é a verdade. É sempre melhor fazer a coisa com humanidade, senhor; foi assim que eu aprendi.

E o traficante se recostou na cadeira e cruzou os braços, afetando virtuosa decisão, como quem julgasse a si mesmo um segundo Wilberforce<sup>4</sup>.

O assunto parecia interessar muitíssimo o cavalheiro; pois, enquanto o sr. Shelby, pensativo, descascava uma laranja, Haley voltou à carga, com decorosa hesitação, não obstante sugerisse ser movido pela força da verdade para dizer mais algumas palavras:

– Não fica bem um sujeito ficar se elogiando; mas digo isso porque é a verdade. Creio que sou reconhecido por ter comigo os melhores rebanhos de pretos do mercado... pelo menos é o que dizem; acho que já disseram isso umas cem vezes: todo mundo bem cuidado, saudável e bem fornido; e se perco, é um ou outro, como qualquer um no ramo. E tudo isso é por causa do meu jeito

4. William Wilberforce (1759-1833) parlamentar britânico abolicionista.

de administrar o negócio, senhor. Digo uma coisa: a humanidade, senhor, é o grande pilar do *meu* negócio.

O sr. Shelby não sabia o que dizer e, então, disse:

– De fato!

– Mas tem gente que dá risada das minhas ideias, senhor, e anda por aí falando de mim. Sei que não é o tipo de ideia que corre na boca das pessoas; mas eu acredito nelas, senhor; acredito nelas, tive lucros com elas; sim, senhor, elas pagam a passagem deles.

E o traficante riu-se do próprio gracejo.

Havia algo tão satírico e original em tais comentários acerca da humanidade que o sr. Shelby não foi capaz de conter o riso. Talvez também te risses, caro leitor; provavelmente sabes que em nossos dias a humanidade se apresenta em grande e estranha variedade de formas, e não há limite para tudo de estranho que as pessoas humanitárias digam ou façam.

O riso do sr. Shelby animou o traficante.

– É estranho, mas nunca consegui convencer ninguém dessas coisas. Veja só, tinha o Tom Loker, um velho sócio meu, lá em Natchez. Era um sujeito esperto, o Tom, só que uma peste com os pretos. Era uma questão de princípio, sabe, porque não existia ninguém melhor do que aquele pra se repartir o pão; era o *sistema* dele, senhor. Eu costumava falar pro Tom: “Ora, Tom, quando as moças começam a gritar e a chorar, qual o sentido de dar na cabeça delas e atirar no chão? É ridículo”, eu dizia, “e não faz bem nenhum. Ora, não tem que se incomodar com o choro delas”, eu dizia; “é a natureza, e, se a natureza não rebenta de um jeito, rebenta de outro. Além disso, Tom, isso só acaba com as pretas; elas ficam tudo doente, sem vontade... às vezes ficam até feia... principalmente as puxadas pro amarelo... e é um inferno fazer elas ficarem boas de novo; por que você não trata elas bem e fala direito com elas? Esteja certo, Tom, com um pouco de humanidade que você põe aqui e ali, a coisa vai bem melhor do que com esse negócio de tapa e gritaria... sem falar que paga melhor”, dizia

eu. Mas o Tom não conseguia entender a ideia; e estragava tanto escravo que eu tive que desfazer minha sociedade com ele, apesar de ser bom sujeito, justo nos negócios.

– E achas que teu modo de tratar o negócio é melhor do que o de Tom? – perguntou o sr. Shelby.

– Acho que dá pra dizer que sim. Veja que, quando eu posso, eu tomo um pouquinho de cuidado com essas amolação, feito vender criança ou coisa assim. Eu tiro as moças do caminho – longe dos olhos, longe do coração, não é o que se diz? –, e, quando ‘tá tudo feito e já não tem mais remédio, elas se acostumam com a coisa, é natural. Não são feito gente branca, que são criados esperando ficar com filho e mulher, tudo isso. Preto, quando é criado do jeito certo, não tem expectativa desse tipo, então a coisa se faz com mais facilidade.

– Então suspeito que os meus não sejam educados da maneira correta – disse o sr. Shelby.

– Acho que não; o pessoal aqui do Kentucky estraga os pretos. Você até acha que ‘tá fazendo o bem, mas no fim das contas não é bondade, não. Ora, um preto que vai acabar arreventado e largado por esse mundo afora, vendido pra Fulano, Sicrano, sabe Deus pra quem... onde ‘tá a bondade de dar pra ele educação e esperança e tratar ele bem? Porque ele vai sentir muito mais a dureza da vida depois. Olha, arrisco dizer que seus pretos ficariam bem desanimados num lugar onde muito preto de oito ia ‘tá cantando e berrando feito uns possessos. É natural, sr. Shelby, que todo homem pense bem de suas ideias. Eu acho que trato os pretos tão bem quanto vale a pena tratar.

– É bom estar satisfeito – disse o sr. Shelby com um ligeiro encolher de ombros, dando clara impressão de desconforto.

– Bem – disse Haley depois de breve intervalo dedicado à reflexão –, o que o senhor diz?

– Pensarei no assunto e conversarei com minha mulher – respondeu o sr. Shelby. – Enquanto isso, Haley, se queres levar

o caso com discrição, como dizes, melhor não permitires que saibam de teus negócios na cercania. A notícia decerto chegará à minha gente e, caso venham a saber, não será tranquilo levar nenhum deles, isso te garanto.

– Mas claro, não dou um pio. Só uma coisa. Eu ‘tou com uma pressa danada, sabe, e precisava de uma confirmação o mais rápido possível desse nosso acerto – disse ele, levantando-se e vestindo o casaco.

– Vem, então, à noite, entre seis e sete horas, e terás minha resposta – disse o sr. Shelby, e o traficante despediu-se.

– Antes tivesse condições de tocar esse sujeito para fora daqui – disse consigo mesmo, enquanto via a porta se fechar –, ele e sua confiança insolente; mas ele sabe o quanto tem vantagem sobre mim. Se alguém tivesse me dito que eu deveria vender Tomás para um desses traficantes velhacos do Sul, eu lhe teria dito: “Teu escravo é um cachorro para receber tal tratamento?”. E agora, pelo que vejo, é exatamente o que vai acontecer. E, além de Tomás, o filho de Eliza! Sei que enfrentarei algum tipo de discussão com minha mulher sobre isso... e, a propósito, também sobre Tomás. E tudo por ter dívidas... ai! O sujeito sabe que está em vantagem e tenta forçar a situação.

É possível que o estado do Kentucky comporte a forma mais branda do sistema da escravidão. A predominância de empreendimentos agrícolas de natureza pacífica e equilibrada, sem os períodos de pressão e pressa sazonalmente exigidas no negócio de regiões mais ao sul, faz que o trabalho do negro seja mais saudável e razoável, enquanto o senhor, satisfeito com o estilo mais brando de acumulação de riqueza, não conhece as tentações da impiedade que sempre acometem a frágil natureza humana quando pesa a possibilidade de ganhos rápidos e súbitos, sem nenhum contrapeso maior que os interesses de gente desamparada e desprotegida.

Quem visita propriedades na região e testemunha a bem-humorada tolerância de alguns senhores e senhoras e a lealdade

sincera de alguns escravos quiçá incorre na tentação de sonhar com uma poética instituição patriarcal digna de fábula; paira, porém, portentosa sombra por sobre toda a paisagem: a sombra da *lei*. Uma vez que a lei compreende que todos aqueles seres humanos, repletos de afetos e munidos de vivos corações, nada mais são do que alguns entre os muitos *objetos* de propriedade do senhor; uma vez que o fracasso, o infortúnio, a imprudência ou a morte do mais bondoso dos proprietários pode levá-los, mais dia, menos dia, a ver uma vida de proteção e tolerância substituída por miséria, exploração e desesperança, torna-se impossível produzir alguma coisa de belo ou desejável mesmo na administração mais bem equilibrada da escravidão.

Dentro da normalidade, o sr. Shelby era um homem honesto, de bom coração e gentil, compreensivo diante daqueles que o cercavam; jamais faltara nada do que pudesse contribuir para o conforto físico dos negros de sua propriedade. Ele tinha, contudo, realizado muitos e temerários investimentos; endividara-se bastante; e, em grande parte, seus títulos de dívida caíram nas mãos de Haley. Essa pequena informação é a chave do diálogo anterior.

Ora, ocorreu que, ao aproximar-se da porta, Eliza escutara da conversa o bastante para saber que um traficante de escravos fazia oferta por alguém a seu senhor.

Ela teria ficado escutando à porta ao sair; mas a senhora chamou-a, e ela foi obrigada a apressar-se.

Eliza pensava ter escutado o traficante fazer uma oferta por seu menino. Estaria enganada? Sentia o coração bater forte, subir-lhe à boca, e ela involuntariamente apertou tão forte seu filho que o garotinho a mirou nos olhos com surpresa.

– Eliza, garota, o que te incomoda? – perguntou a senhora depois de Eliza ter emborcado o jarro do lavabo, derrubado a mesa de costura e, por fim, ter-lhe oferecido distraidamente um camisolão comprido em vez do vestido de seda que ela mandara trazer do guarda-roupa.

Eliza assustou-se.

– Oh, sinhá! – disse, erguendo os olhos; e então, numa explosão de lágrimas, sentou-se numa cadeira e começou a soluçar.

– Ora, Eliza, o que te preocupa? – perguntou a senhora.

– Ai, sinhá! Ai, sinhá! – lamentava-se Eliza – tinha um traficante falando com o sinhô lá na sala! Eu escutei.

– Ora, menina boba, e se for o caso.

– Ai, a sinhá acha que o sinhô podia vender o meu menino?

E a pobre criatura deixou-se cair numa cadeira e pôs-se a soluçar convulsivamente.

– Vendê-lo! Não, menina boba! Sabes que teu senhor jamais negocia com os traficantes do Sul, nem pretende vender qualquer um de seus criados, desde que se comportem bem. Ora, criança boba, quem tu achas que quereria comprar teu Harry? Achas que o mundo se interessa por ele como tu, cabeça de vento? Vai, anima-te e fecha aqui este colchete. Agora prende meu cabelo com aquela trança linda que aprendeste a fazer outro dia e não fiques escutando atrás das portas.

– Mas a sinhá jamais ia dar o consentimento pra... pra... pra...

– Que bobagem, menina. Claro que não. Por que esse assunto? Eu antes venderia um dos meus filhos. Mas, francamente, Eliza, estás orgulhosa demais daquele menininho. Um homem não pode botar o nariz na porta que achas que ele está vindo para comprá-lo.

Tranquilizada pela firmeza do tom da senhora, Eliza deu sequência, ágil e habilidosa, à sua toaleta, rindo-se dos próprios medos.

A sra. Shelby era mulher de elevada estirpe intelectual e moral. À magnanimidade e generosidade naturais que não raro se assinalam como características das mulheres do Kentucky, ela acrescentava grande sensibilidade e princípios de moral e religião que, com energia e habilidade, se convertiam em resultados concretos. O marido, embora não professasse nenhuma religião, reverenciava e respeitava a profundidade de seu credo e talvez ouvisse com um bocado de admiração as opiniões dela. Certo era que ele lhe

concedera total liberdade de ação em seus esforços benevolentes em prol do conforto, da instrução e da melhoria de seus escravos, embora jamais tomasse parte, ele próprio, dessas coisas. Na verdade, se não exatamente um crente na doutrina da eficácia das excelentes obras dos santos, ele, de um jeito ou de outro, parecia mesmo imaginar que a esposa tinha piedade e benevolência pelos dois e cultivar uma leve esperança de ir para o céu pela superabundância de qualidades dela, às quais ele não tinha pretensões.

O mais pesado fardo em sua mente, depois de sua conversa com o traficante, era a necessidade antevista de esclarecer a esposa sobre o acerto aventado e enfrentar as pressões e oposições que ele sabia que iria, com razão, encontrar.

A sra. Shelby, totalmente ignorante das dificuldades financeiras do marido, sabendo apenas da gentileza geral de seu temperamento, manifestara-se com sinceridade sobre a total incredulidade diante das suspeitas de Eliza. Na verdade, ela simplesmente tirara o assunto da mente, sem voltar a pensar nele; e, ocupada como estava com os preparativos para uma visita que faria à noite, ele simplesmente se apagou por completo.